

# Maratona Frankfurt

MIGUEL CONDE OCTOBER 14, 2008

*Em sua 60ª edição, maior evento do mercado editorial reúne prêmios Nobel, best-sellers e empresas de 101 países:*

A agente literária Lucia Riff recomenda Targifor, barrinhas de cereais e sapatos confortáveis para encarar a bateção de perna e as reuniões que se estendem sem pausas das 9h às 18h30m, uma emendada na outra. O diretor editorial da Ediouro, Paulo Roberto Pires, diz que a primeira vez intimidada. Luciana Villas-Boas, diretora editorial da Record, espera voltar de lá com uns 20% do total de compras internacionais da sua editora em 2008. A Feira Internacional do Livro de Frankfurt, que abriu as portas de sua 60ª edição nesta terça-feira, pode até se reinventar a cada ano, como afirmam seus organizadores — mas continua reivindicando o posto de evento mais importante no calendário da indústria editorial mundial.

Os números parecem atestar essa importância: este ano, serão 7.052 expositores de 101 países diferentes reunidos em 171.790 metros quadrados. Até o dia 19, quando se encerra o evento, serão lançados lá 122.189 livros, e outros 281.213 títulos de catálogo estarão à venda. De fato, confirmam editores, a Feira ainda é um espaço insubstituível para a descoberta de novos livros, estabelecimento de contatos e atualização

content. In today's climate of widespread misinformation, Outline empowers readers to verify the facts.

[HOME](#) · [TERMS](#) · [PRIVACY](#) · [DMCA](#) · [CONTACT](#)

para leitores.

Embora a Feira seja pensada principalmente para as editoras e profissionais da área — ela só abre para o público em geral em seus dois últimos dias —, a presença de escritores e outros visitantes ilustres lhe confere uma ressonância cultural mais ampla. Entre os convidados deste ano estão Orhan Pamuk, Günter Grass (ambos Nobel de Literatura) e Mikhail Gorbatchov (Nobel da Paz). A entrevista de abertura será com o brasileiro Paulo Coelho, que vai comemorar com uma festa a marca de 100 milhões de exemplares vendidos.

— Grass e Coelho são como celebridades e atraem muita gente, que vem à feira para vê-los e terminam apreciando também o resto, assistindo a sessões de leituras de autores que antes não conheciam — diz Juergen Boos, diretor da Feira desde 2005. — Quer dizer, a presença desses escritores ajuda a divulgar outros, menos conhecidos. Pamuk, Grass e Coelho lançaram novos livros que renderão muito assunto em Frankfurt.

Boos também tem se esforçado para fazer da escolha do país-tema uma forma de tornar a Feira um centro de debates políticos. Depois da homenagem à Catalunha, que irritou os espanhóis, este ano Frankfurt homenageia a Turquia — terra de Pamuk —, e as discussões sobre islamismo, nacionalismo e liberdade de expressão estarão em pauta. Em

2009, será a vez da China.

A Feira se estende pelos bares e lobbies de dois hotéis tradicionais da cidade, diz a agente literária Lucia Riff: o Frankfurter Hof e o Hessischer Hof, onde, segundo ela, os quartos são reservados "quase que por direito de herança".

— Segunda e terça você já tem ali uma feira fora da feira. A partir da abertura, na quarta, rola uma espécie de longa happy hour. As pessoas vão esticar lá, servem uma champanhe caríssima, e aí os editores vão perguntando um para o outro o que viram de interessante, do que gostaram.

Contatos desse tipo são o que Frankfurt tem de mais fundamental, dizem editores brasileiros. Indicações de conhecidos orientam muitas negociações. Nos encontros pessoais também fica mais fácil perceber o que de fato interessa entre os milhares de livros listados nos catálogos, afirma Tomás Pereira, um dos donos da Sextante:

— Mesmo pessoas com quem você não fecha nenhum negócio fazem comentários sobre livros que viram. E ali, na hora da venda, você entende realmente quais livros entusiasмам os editores.

Excetuados os encontros informais, os contatos se dão em reuniões de meia hora que se sucedem do começo ao fim do dia, sem pausa de almoço. Na média, vinte por dia para cada editor. Paulo Roberto Pires, da Ediouro, diz que nesse ritmo frenético fica difícil conhecer o que está

sendo oferecido, e que por isso a capacidade de adiar as compras é fundamental.

— Com raras exceções, fechar negócio lá significa não ler o que você está comprando, e isso não é bom. A Feira é também um mecanismo de pressão dos editores. Há esse clima de "esse é o grande livro, vamos fechar negócio agora". E nessas situações você acaba pagando mais caro. Toda habilidade de quem compra consiste em ganhar tempo.

Como se pode imaginar, as editoras brasileiras vão a Frankfurt muito mais como compradoras do que como vendedoras. Mas há espaço para alguma exportação de literatura nacional, afirma Luciana Villas-Boas.

— A Feira hoje é muito importante para livros mais literários. O grande livro, que supostamente vai ser um estouro comercial, atualmente é apresentado antes. Frankfurt é bom para conhecer coisas novas, e essas descobertas se baseiam muito nas relações pessoais. Você confia na palavra de algumas pessoas com quem já construiu uma relação, e isso funciona dos dois lados — diz.

Em Frankfurt, o Brasil terá um estande de 108 metros quadrados, com 43 editoras, que estão levando 1.802 títulos. O espaço é organizado pela Apex, Câmara Brasileira do Livro, Biblioteca Nacional, Sindicato Nacional de Editores de Livros e governo federal.

<https://outline.com/LwZVPs>

COPY

 Annotations · [Report a problem](#)

